



MAIS PROGRAMAS

TEIP
Prioritários O Programa dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), lançado em 2006 e alargado a 144 escolas em 2008, é um dos instrumentos do Ministério da Educação para combater o abandono e insucesso escolar. Apoiava escolas em contextos desfavorecidos, que recebem mais meios do que as restantes.

ESCOLA MÓVEL
Distância Projecto de ensino à distância destinado a alunos do 3º ciclo, filhos de profissionais itinerantes, um modo de vida que propiciava elevados níveis de abandono e insucesso. O projecto foi encerrado no ano passado.

PROGRAMA ESCOLHAS
Minorias Não está directamente vocacionado para o combate ao abandono escolar, mas destina-se a promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos desfavorecidos, sobretudo dos descendentes de imigrantes e minorias étnicas. Existe desde 2001.

PETI
Trabalho O Programa para Prevenção e Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil é uma medida de "última linha", à qual os jovens e suas famílias podem aderir, depois esgotadas outras opções existentes quer no sistema educativo quer na formação profissional.

Um quinto dos alunos em risco abandona a escola

Educação. Projecto seguiu 5727 alunos que tinham factores de risco em termos de sucesso

PATRÍCIA JESUS

Primeiro as negativas, depois as faltas. Aos 17 anos e ainda no 9.º ano, Vanessa estava a um passo do abandono. "A escola já não lhe dizia nada e algumas disciplinas pareciam obstáculos inultrapassáveis", conta a professora Manuela Quitério, da "Rede de mediadores para o sucesso escolar", um projecto dos Empresários pela Inclusão Social (EPIS). A solução foi encaminhá-la para um curso profissional e, se tudo correr bem, Vanessa vai ficar nos casos de sucesso. Mas nas 88 escolas do 3.º ciclo em que este programa foi aplicado não se conseguiu evitar que 17% dos alunos em risco abandonassem as aulas. "Apesar do contributo do projecto da EPIS, cerca de 17% dos 5727 alunos acompanhados [cerca de um quarto do total, por termos factores de risco ao seu sucesso escolar] tinham saído ao fim de dois anos. Significa também que temos de fazer melhor", explica Ana Rita Bessa, da EPIS.

Os especialistas desta rede também concluíram que oito em cada cem alunos inscritos nos dez concelhos não frequentavam realmente a escola. "Este número não pode ser explicado apenas pela saí-

da dos alunos para outros concelhos, o que nos levou a concluir que o problema do abandono ainda está longe de estar erradicado", conclui a responsável.

Uma conclusão que fez com que o abandono saltasse para a frente nas preocupações de uma rede pensada para combater sobretudo o insucesso (*ver caixa*). Isto porque se depararam quase sempre com a negação desta realidade. "Toda a gente nos diz 'no nosso concelho não há abandono' e não é isso que vemos no terreno."

EPIS

Surgiu em resposta a Cavaco Silva

► A Associação EPIS – Empresários Pela Inclusão Social foi criada em 2006, por um grupo de dez empresários, em resposta a um discurso do presidente da república, Cavaco Silva, que pedia uma maior intervenção da sociedade civil. A EPIS resolveu apostar na educação e nos últimos quatro anos investiu mais de 10 milhões de euros neste projecto.

O Ministério da Educação – que junta os números de abandono com os das retenções – esconde este problema. E diz que há 14% de retenções e abandonos no 3.º ciclo, o pior do ensino básico. Já no âmbito do Programa Educação 2015 considera-se que a taxa de desistência real aos 14 anos é de 2%, passa para 9% aos 15, e 13% aos 16. Confrontada com a descoberta, a EPIS lançou este ano o projecto "Abandono Zero", no concelho de Sesimbra, em parceria com a câmara. "Percebemos uma coisa ób-

via: se o aluno abandona a escola, não é na escola que o devemos procurar", explica. No ano passado, neste concelho, houve 108 alunos que "desapareceram" durante o ano. Tirando os que mudaram de casa, a taxa de abandono parece ser de 2,6%. "Se esta percentagem fosse extrapolada para o total de alunos no 3º ciclo, significaria que, anualmente, 10 400 alunos estariam nesta situação", indica o relatório, o primeiro "Caderno EPIS" a ser publicado sobre a experiência. O projecto é, aliás, um das que se-

rão divulgados hoje na Conferência Escolas de Futuro, promovida pela associação, na Gulbenkian, em Lisboa.

"Não se trata de atirar milhões de euros para cima do problema, mas de procurar respostas certas", conclui Ana Rita Bessa. Respostas pensadas individualmente. Para Vanessa, a solução encontrada para evitar a entrada no mercado de trabalho sem a escolaridade obrigatória foi encaminhá-la para um curso do Instituto de Emprego, com equivalência ao 9.º ano.

Taxa de aprovação subiu para 77%

SUCESSO João teve seis negativas no ano passado. Este ano tem medo de ter a primeira no segundo período. Natacha não se interessava pela escola e estudar era um sacrifício que se reflectia nas notas. Hoje, sabe estudar, percebe a importância da escola e sonha com o futuro. Resultados do projecto de combate ao insucesso escolar dos Empresários pela Inclusão Social (EPIS).

Manuela Quitério, professora de profissão e mediadora neste projecto desde o início, há quatro anos, faz por isso um "balanço bastante positivo". Desde 2007,

acompanha uma média de 60 alunos do 3.º ciclo, de escolas de Setúbal. O processo começa com um teste, explica. No início do 7.º ano, é feito um questionário, com consentimento dos pais, e tendo em conta o desempenho escolar, relação com a escola, família e enquadramento socio-económico são identificados os alunos em risco de insucesso, que vão ser seguidos de perto pelo mediador. "Trabalhamos muito a definição de objectivos. À terceira entrevista, o percurso começa a fazer sentido."

Natacha Lima entrou no projecto no 7.º por causa das "negas".

Este ano vai acabar o 9.º. "Abandonar a escola eu nunca teria abandonado, mas passava sempre com dificuldade e assim a EPIS ajudou", explicou à Lusa. Ajuda que também se estendia aos fins-de-semana: "Falávamos de 15 em 15 dias [com a mediadora]. Combinávamos ao fim de semana eu ligar e contar como é que estava a correr a semana e se eu tivesse dificuldade nos trabalhos pedia ajuda."

Os números que resumem os primeiros anos mostram que a taxa de aprovação dos 5 812 alunos acompanhados entre 2008 e 2009 passou de 63% para 77%. Com Lusa